

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

TRADUÇÃO

METAFÍSICA DA JUVENTUDE: A CONVERSA¹

Walter Benjamin

Traduzido por: Isabela Pinho²

*Onde estás, juventude, que a mim despertas
sempre na hora certa da manhã, luz, onde estás?*

Hölderlin

I

Diariamente usamos forças desmedidas como os que dormem. O que fazemos e pensamos é preenchido pelo ser dos pais³ e ancestrais. Um simbolismo incompreendido nos escraviza sem cerimônias. – Às vezes, acordando, lembramo-nos de um sonho. Então, epifanias ocasionalmente iluminam a pilha de escombros de nossa força, nas quais o tempo passou. Estávamos acostumados ao espírito, assim como ao batimento do coração, graças ao qual levantamos pesos e digerimos.

O conteúdo de toda conversa é conhecimento do passado assim como de nossa juventude e horror diante da enormidade espiritual de campos de escombros. Nunca antes vimos o lugar da luta silenciosa travada pelo “eu” contra os pais⁴. Agora chegamos a ver o que, sem saber, destruímos e findamos. A conversa lamenta a grandeza perdida.

¹ Tradução recebida em: 21/09/2020 e aceita em: 21/09/2020. Revisão técnica de Marcus Coelen (Ludwig-Maximilians Universität München) e Daniel Pucciarelli (Universidade do Estado de Minas Gerais). A tradução integral do ensaio pode ser encontrada em PINHO, Isabela. **Tagarelar (schwätzen): itinerários entre linguagem e feminino**. Ed. Relicário / Ed. PUC-rio, 2021 (no prelo).

² Graduada e mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com período sanduíche na *Ludwig Maximilians-Universität München* (LMU). Oferece cursos de extensão de filosofia e literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Endereço de e-mail: isabelafpinho@gmail.com

³ A palavra alemã “*Väter*” designa os pais como plural de Pai (*der Vater*), e não como pai e mãe, cuja conotação a palavra portuguesa “pais” pode evocar. [N.T.]

⁴ “*gegen die Väter*”. [N.T.]

II

A conversa aspira ao silêncio, e o ouvinte é, antes de tudo, o silente. O falante recebe o sentido dele; o silente é a fonte inapropriada de sentido. A conversa levanta a ele as palavras como vasos, como jarros. O falante afunda a memória de sua força em palavras e procura formas nas quais o ouvinte revela-se. Pois o falante fala para deixar-se converter. Ele compreende o ouvinte apesar de suas próprias palavras: que diante dele há alguém cujos traços são indelevelmente sérios e bons, enquanto o falante blasfema a linguagem.

Mas ainda que ele quisesse reavivar, orgasticamente, um passado vazio, o ouvinte compreende não palavras, mas sim o silêncio do presente. Pois, apesar da fuga de sua alma e de seu vazio de palavras, o falante é presente, seu rosto é aberto ao ouvinte e os esforços dos lábios são visíveis. O ouvinte sustenta a linguagem⁵ verdadeira com prontidão, as palavras penetram nele, e, ao mesmo tempo, ele vê o falante.

Quem fala penetra naquele que escuta⁶. O silêncio nasce, assim, ele mesmo da própria conversa. Todo grande homem tem somente uma conversa, em cujo limite a grandeza silente aguarda. No silêncio, a energia foi renovada: o ouvinte conduziu a conversa à borda da linguagem e o falante criou o silêncio de uma linguagem nova, ele, o primeiro que a escutou.

III

O silêncio é o limite interno da conversa. O homem improdutivo nunca chega ao limite, ele considera sua conversa monólogo. Ele sai da conversa para entrar no diário ou no café.

O silêncio reinou há muito tempo em espaços acolchoados. Aqui ele pode fazer barulho. Ele caminha entre as prostitutas e os garçons como um pregador entre seus devotos – ele, o convertido de sua última conversa. Agora ele é versado em duas linguagens: em pergunta e resposta. (Aquele que pergunta é alguém que a vida inteira nunca pensou na linguagem, e agora ele quer recompensá-la. Aquele que pergunta é condescendente com os deuses). O homem improdutivo pergunta - entrando o silêncio entre os que são ativos, pensadores e mulheres – sobre a revelação. Ao final, *ele* está ereto, *ele* permaneceu de cabeça erguida. Sua verborragia lhe escapa e ele escuta, extasiado, sua voz. Ele não capta nem as palavras nem o silêncio.

⁵ A palavra alemã “*Sprache*” significa tanto língua quanto linguagem e torna indiscernível a oposição entre a “língua”, concebida como fato de linguagem especificamente humano, e a “linguagem” como termo mais abrangente, como, por exemplo, propõe Ferdinand de Saussure no *Cours*. Cf. SAUSSURE. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 47. Optamos por traduzir “*Sprache*” por “linguagem”, mantendo a abrangência do termo. [N.T.]

⁶ “*Lauschenden*”, optamos por traduzir por “aquele que escuta”, já que traduzimos a palavra “*Hörende*” por “ouvinte”. Os verbos “*lauschen*” e “*hören*” são correspondentes em português aos verbos “escutar” e “ouvir”; assim, o “*Lauschende*” e o “*Hörende*” poderiam ser traduzidos, literalmente, por “escutante” e “ouvinte”. [N.T.]

Mas ele se salva no erótico. Seu olhar deflora. Ele mesmo quer se ver e se ouvir e então quer se apoderar daquele que vê e que ouve. Por isso, ele se engana a si mesmo e sua grandeza; e, falando, foge. Mas ele sempre colapsa, aniquilado, diante da humanidade no outro; ele permanece sempre incompreensível. E o olhar do silente desliza através dele, procurando por aquele que virá em silêncio.

A grandeza é o eterno silêncio depois da conversa. É captar o ritmo das próprias palavras no vazio. Na criação das formas, o gênio amaldiçoou inteiramente sua lembrança. Ele é pobre de memória e desorientado. Seu passado já se tornou destino e nunca mais pode ser revivido. No gênio, Deus fala e escuta a contradição da linguagem.

Para o tagarela, o gênio parece ser a fuga da grandeza. A arte é o melhor remédio contra o infortúnio. A conversa do gênio é, no entanto, prece. Ao falar, as palavras caem dele como mantas. As palavras do gênio desnudam e são véus nos quais aquele que escuta se sente vestido. Quem escuta é o passado do grande falante, seu objeto e sua força morta. O gênio falante é mais silencioso que aquele que escuta, assim como aquele que faz a prece é mais silencioso que Deus.

IV

O falante permanece sempre possuído pelo presente. Por isso, ele é condenado: a nunca dizer o passado, que ele, no entanto, quer dizer. E o que ele diz já foi há muito tratado pela pergunta muda daquela que silencia, e o olhar dela pergunta quando ele vai chegar ao fim. Ele deve confiar na ouvinte para que ela pegue sua blasfêmia pela mão e a conduza ao abismo, no qual a alma do falante está, seu passado, o campo morto em direção ao qual ele vagueia. Mas faz tempo que a prostituta aí espera. Pois cada mulher possui o passado e, em todo caso, nenhum presente. Por isso, ela protege o sentido contra o entender, ela previne contra o abuso das palavras e não se permite ser abusada.

Ela protege o tesouro da cotidianidade, mas também o da noturnidade⁷, o bem maior. Por isso, a prostituta é a ouvinte. Ela salva a conversa da mediocridade, a grandeza não tem nenhum direito sobre ela porque, diante dela, a grandeza finda. Diante dela, toda masculinidade já é passado, e agora a corrente de palavras flui para suas noites. O presente eternamente passado virá a ser de novo. A outra conversa do silêncio é voluptuosidade.

⁷ “*Allnächtlichkeit*”, termo traduzido por “*noturnidade*” a fim de manter o neologismo construído por Benjamin. Há aqui um jogo de palavras entre “*Alltäglichkeit*”, cotidianidade, e “*Allnächtlichkeit*”, cuja raiz é “noite”. [N.T.]

V

O gênio: Venho a você para repousar.

A prostituta: Então sente.

O gênio: Eu gostaria de sentar-me com você – agora mesmo toquei em você e parece-me que já havia descansado há anos.

A prostituta: Você me inquieta. Se eu me deitasse ao seu lado, eu não poderia dormir.

O gênio: Toda noite há pessoas com você nesse quarto. Para mim, é como se eu tivesse a todos recebido e eles tivessem me olhado sem alegria e ido embora.

A prostituta: Dê-me sua mão – sinto, em sua mão adormecida, que você esqueceu-se agora de todos os seus poemas.

O gênio: Eu só penso em minha mãe. Posso contar-lhe sobre ela? Ela me trouxe à vida. Ela trouxe à vida como você: a centenas de poemas mortos. Como você, ela também não conheceu seus filhos. Seus filhos prostituíam-se com estranhos.

A prostituta: Como os meus.

O gênio: Minha mãe sempre olhou para mim, perguntou-me, escreveu para mim. Nela esqueci-me de todas as pessoas. Todos tornaram-se mãe para mim. Todas as mulheres haviam me trazido à vida, nenhum homem havia me engendrado.

A prostituta: Assim se lamentam todos os que dormem comigo. Quando observam suas vidas junto a mim, parece-lhes como se uma espessa cinza lhes subisse à garganta. Ninguém os engendrou, e eles vêm a mim também para não engendrar.

O gênio: Todas as mulheres para as quais vou são como você. Elas me trouxeram à vida morto e querem receber de mim algo morto.

A prostituta: Mas eu sou tão destemida quanto a morte (Eles vão dormir).

VI

A mulher vela as conversas. Ela recebe o silêncio, e a prostituta recebe o criador de tudo o que foi. Mas ninguém zela pelo lamento quando os homens⁸ falam. A conversa deles torna-se desespero, ela ressoa em um espaço surdo e, blasfemando, agarra-se à grandeza. Dois homens juntos são sempre encenqueiros, e acabam por resolver tudo a ferro e fogo. Eles aniquilam a mulher com suas obscenidades, o paradoxo viola a grandeza. Palavras do mesmo gênero os juntam e fustigam com sua secreta simpatia, e surge um duplo sentido

⁸ “*Männer*”, homens, do gênero masculino. [N.T.]

sem alma, apenas encoberto por uma cruel dialética. Sorrindo, a revelação ergue-se diante deles e os força ao silêncio. A obscenidade triunfa – o mundo foi construído com palavras.

Agora, eles têm que se levantar, destruir seus livros e raptar uma mulher para si, senão eles irão sufocar secretamente suas almas.

VII

Como falavam Safo e suas amigas? Como as mulheres chegaram a falar? Pois a linguagem suprime suas almas. As mulheres não recebem da linguagem nenhum som e nenhuma redenção. As palavras sopram por cima das mulheres que estão juntas, mas o sopro é rudimentar e sem som; elas se tornam tagarelas. Seu silêncio, entretanto, reina sobre suas conversas. A linguagem não porta a alma das mulheres porque elas não confiam nada a ela, seu passado nunca está concluído. As palavras tocam as mulheres com os dedos em todas as suas partes e uma certa habilidade responde a elas rapidamente. Mas a linguagem aparece para elas somente no falante que, torturado, comprime os corpos das palavras, no qual ele veio a reproduzir o silêncio da amada. As palavras são mudas. A linguagem das mulheres permaneceu incriada. Mulheres falantes são possuídas por uma linguagem louca⁹.

VIII

Como falavam Safo e suas amigas? – A linguagem é velada como o que passou e futura como o silêncio. Nela, o falante traz consigo o passado; velado pela linguagem, ele recebe seu passado-feminino na conversa. – Mas as mulheres silenciam. Onde estão à escuta, as palavras são impronunciadas. Elas aninham seus corpos e se acariciam. Sua conversa liberou-se do objeto e da linguagem. No entanto, ela acessou um domínio. Pois somente entre elas, e quando estão juntas, a própria conversa já passou e se apaziguou. Agora, a conversa finalmente alcançou a si mesma: ela tornou-se grandeza diante do olhar das mulheres, assim como a vida era grandeza antes da conversa vã. As mulheres silenciosas são as falantes do que foi falado. Elas saem do círculo, somente elas veem a perfeição de sua circunferência.

Nenhuma delas lamenta quando estão juntas; elas contemplam, maravilhadas. O amor de seus corpos não procria, mas seu amor é bonito de ver. E elas ousam olhar umas para as outras. O olhar faz com que precisem recuperar o fôlego enquanto as palavras desaparecem no espaço. O silêncio e a voluptuosidade – eternamente separados na

⁹ No original: “Sprechende Frauen sind von einer wahnwitzigen Sprache besessen”. Noto que o adjetivo “wahnwitzig”, que qualifica a linguagem das mulheres, é formado pelo prefixo “wahn”, que significa delírio, frenesi, ilusão, e pela raiz “Witz”, chiste. Opto por traduzir “wahnwitzig” por “louca” para manter a abrangência semântica deste termo. Outra possibilidade seria “insana”, de in/sanus, não são, insensato, sem sentido. Entretanto, Benjamin afirma que elas defendem o sentido contra o entender. É apostando no sentido e na razão da própria linguagem encontrada na caracterização romântica do chiste, para além da intenção de um sujeito, que ressalto o Witz como raiz deste vocábulo. [N.T.]

conversa – tornaram-se um. O silêncio das conversas foi volúpia futura; volúpia foi silêncio passado. Mas, dentre as mulheres, a visão das conversas ocorreu a partir da fronteira da voluptuosidade silenciosa. Aí se ergueu, luminosamente, a juventude das conversas obscuras. A essência brilhava.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Metaphysik der Jugend. **Gesammelte Schriften, II, I.** Org. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 91-6.